

ENTREVISTA COM DEISE LUCY OLIVEIRA MONTARDO

Interview with Deise Lucy Oliveira Montardo

Entrevista a Deise Lucy Oliveira Montardo

Luiza Maria Fonseca Câmpora ¹

Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto ²

Marcos Alan Costa Farias ³



Foto de Felipe Fernandes, (2019)

¹ Doutoranda do PPGAS/UFAM, integrante do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena – NEAI. Editora da Revista Wamon.

² Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/UFAM.

³ Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM. Editor da Revista Wamon. Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. E-mail: marcosalan10@hotmail.com

Em tempos de pandemia, o contato presencial para atividades acadêmicas com professores e pesquisadores têm se tornado limitado por conta das questões de protocolos de saúde que devem ser respeitados. Diante disso, esta entrevista foi realizada em um formato diferente. A realizamos através de uma live pelo canal no YouTube da Wamon – Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM.

Essa entrevista com a Professora Dra. Deise Lucy Oliveira Montardo segue algo que vem sendo realizado em números anteriores da Wamon: entrevistar professores do PPGAS/UFAM. Com isso, diante também do Dossiê Temático “Arte: Poder e Política na Amazônia” buscamos entrevistar a professora Deise Lucy Montardo por ser uma referência nos estudos da Antropologia da Arte na/sobre Amazônia.

A professora Dra. Deise Lucy Montardo é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possui mestrado em História, com habilitação em Arqueologia, pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, além do doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (USP). Tem vasta experiência em estudos da antropologia, etnologia indígena, antropologia da arte, etnomusicologia, antropologia da dança, música e xamanismo.

Marcos Alan Costa Farias: Então para começar a entrevista, professora Deise Lucy. Eu gostaria que você falasse um pouco como foi a sua inserção na antropologia.

Deise Lucy Oliveira Montardo: Então, eu queria contar lá do comecinho, porque eu fiz Ciências Sociais e antes de fazer Ciências Sociais, eu entrei na Engenharia de Alimentos. Uma coisa bem pragmática na época de adolescente. Eu fui sempre muito leitora, eu lia muito. Quando eu ia morar numa cidade do interior, eu morei em várias cidades, sempre procurava a biblioteca e começava a ler, baixar os livros da biblioteca e ler. E comecei a ler as revistas também, as revistas semanais. E no final dos anos setenta se falava de uma crise que ia acontecer. E eu pensava assim: “ah, se vai ter essa crise, as pessoas vão cada vez comer mais alimentos industrializados, então eu vou fazer Engenharia de Alimentos”. Entrei na Engenharia de Alimentos e quando eu estava já na graduação eu conheci uma pessoa que fazia Ciências Sociais. O namorado de uma amiga. Quando ele disse: “Eu faço Ciências Sociais, Sociologia aqui na UFSC”. O meu coração quase saiu pela boca, eu lembro que foi uma coisa incrível. Eu falei: “Mas tem este curso aqui na minha universidade? Eu posso fazer isso também?” Estava já em crise com a Engenharia. Conversei com minha família e eles concordaram com a mudança de curso. Eles falaram: “Você pode trocar, o importante é ser feliz”. Nas Ciências Sociais, quando entrei, foi interessada em Ciência Política, eu queria entender a sociedade, a questão política, era época da abertura política, anos 80. E nas Ciências Sociais é que eu descobri a Antropologia. Nas Ciências Sociais eu tive professores, que trabalhavam com a questão indígena, e este universo foi me fascinando. Se eu for me lembrar desde criança eu tenho fascínio pela questão indígena, mas ali na graduação em Ciências Sociais foi que eu conheci a Antropologia. Depois eu conheci a arqueologia, trabalhei 10 anos com arqueologia. Via a possibilidade de trabalhar com a história indígena de longa duração. Trabalhei no Museu de Antropologia da UFSC, com Arqueologia, e no doutorado eu fiz na Antropologia Social.

Luiza Maria Fonseca Câmpere: Quais as instituições que você trabalhou até chegar hoje na UFAM?

D. L. O. M.: Quando estava fazendo a graduação, logo no início, eu comecei a trabalhar, fiz um concurso público e comecei a trabalhar na universidade, eu sempre estudei e trabalhei. Trabalhei muitos anos no Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, eventualmente eu dei algumas aulas

em algumas universidades, mas a maior parte do meu tempo profissional foi como pesquisadora no Museu. Foi um grande aprendizado, trabalhei com pesquisa em escavações arqueológicas nas Fortalezas da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis, SC), em sítios arqueológicos Guarani e nas missões jesuíticas, no Rio Grande do Sul, participei de várias pesquisas de levantamentos de sítios, foi uma época muito rica, de muito aprendizado. Fiz o mestrado e o doutorado, trabalhando no museu, uma parte do tempo no Setor de Arqueologia e outra parte, na Etnologia Indígena. Foi quando comecei a trabalhar com os Guarani, e iniciei o doutorado, na USP com a Luz Vidal. Concluí o doutorado em 2002 e em 2006 fui para a UFAM onde estive durante esses catorze anos. Então as instituições foram essas duas: UFSC e UFAM, mas com variações muito grandes porque cada projeto que a gente começa é um mundo e isso me proporcionou acessar outros mundos. Eu poderia fazer essa cronologia pelos grupos com os quais trabalhei, os Guarani e depois, no Norte com os Baniwa, seria uma outra maneira de contar.

Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto: Deise Lucy, como foi sua aproximação com a Etnomusicologia (Antropologia da Música)? E a sua perspectiva para essa área aqui no PPGAS?

D. L. O. M.: Então, como eu comentei, fiz a graduação em Ciências Sociais, e tive professores que trabalhavam a questão indígena. Tive um professor que foi muito marcante na minha trajetória, na graduação, que foi o professor Rafael José Menezes Bastos, com quem fiz a disciplina Antropologia da Arte e que pesquisa música indígena. Naquela época, naqueles anos não havia muitos estudos sobre essa área, ele é uma das pessoas que abriram esse campo no Brasil, então essa foi uma sorte, um privilégio. Esse meu interesse está associado a isso, porque foi um dos primeiros livros que eu li na graduação. Na disciplina metodologia de pesquisa, quando tive que escolher um livro, uma pesquisa para analisar a metodologia, o livro que li foi a Musicológica Kamaiurá (baseado na dissertação do Rafael Menezes Bastos). Então ali foi um fascínio que eu tive por esse campo de pesquisa. Quando concluí o mestrado na Arqueologia, onde estudei rituais funerários, pensei em fazer uma disciplina na Antropologia para começar a amadurecer o projeto de doutorado. Encontrei o professor Rafael, em um show, no Centro Integrado de Cultura, um espaço cultural da cidade de Florianópolis. Mencionei para ele esta intenção e ele falou: “então venha fazer Antropologia da Música que eu vou ministrar neste semestre”. E foi assim, um percurso que iniciou naquele semestre, em 1995, o estudo da Antropologia da Música nessa disciplina, em cuja monografia de conclusão, iniciei a pesquisa com os Guarani da Grande Florianópolis. Este trabalho transformei em projeto que enviei para a Lux (Vidal, antropóloga da USP), pelo correio, naquela época. Para depois conversarmos. Iniciei o doutorado em 1997, quando fui para o Mato Grosso do Sul, uma parte da minha pesquisa foi lá, com os Guarani Kaiowá. E depois fui para a UFAM. Na UFAM comecei a orientar nessa área, alguns alunos que trabalharam com música, outros com outras artes. Porque isso é uma coisa que cada vez mais a gente sabe, que essas linguagens estão muito próximas. Por um período, se acreditou e se investiu bastante na separação entre as áreas, no sistema universitário, inclusive. Acho que nos últimos 200 anos houve todo um processo de cada vez separar mais essas áreas. Acho que agora estamos vivendo um momento de juntar isso tudo de novo. Vejo esse campo como muito promissor em vários aspectos. Tem muita coisa para ser estudada, mas também muita coisa para aplicarmos como viés de pesquisa, e não só como objeto de pesquisa. Em que a arte e a música podem nos ajudar e nos ensinar no próprio trabalho? Na própria pesquisa? Não só como objeto. E também na UFAM, eu espero que outras pessoas tenham esse interesse e que essas pessoas entrem no quadro institucional da universidade porque a gente sabe que as linhas de pesquisa e as áreas na instituição dependem muito de quem está na instituição. Tomara que outras pessoas com esse interesse entrem na universidade, para manter esse trabalho como linha institucional, não dependendo só de uma ou outra pessoa, formando um grupo forte envolvendo outras áreas da UFAM, não só a Antropologia.

A. C. V. N.: Deise Lucy, nessa linha, a sua tese de doutorado é referência na Antropologia da Música, ainda mais levando em consideração a música Guarani. Quais são os desafios de trabalhar com música indígena no Brasil diante dessas instituições que você também já presidiu, que você participa e está sempre sendo convidada, como é tratar, falar sobre música indígena. Quais são os desafios?

D. L. O. M.: Essa é uma pergunta muito interessante, porque o desafio é arregaçar as mangas. Pelo menos na minha experiência, todas as pessoas que trabalharam com povos indígenas no Brasil, quando estavam interessadas na música, nos cantos, tiveram as portas abertas porque é um interesse que os povos indígenas geralmente tem também. O interesse nessas linguagens sensíveis, nas linguagens artísticas. Então eu acho que esses interesses se casam. O desafio que eu vejo, então, é, cada vez mais, abriremos a universidade para os pesquisadores indígenas. Eu acho que é um caminho que nós começamos no Brasil, e na UFAM, mais especificamente. A gente tem esse desafio de abrir as vagas para alunos e professores indígenas, para essa área ir entrando na universidade de várias maneiras. Esse eu acho que é um desafio. Outro desafio é cada vez mais trabalhar colaborativamente com os grupos. Ter isso muito claro, que o trabalho é um trabalho conjunto. Bom, um outro desafio é o momento que a gente está vivendo. Que é um desafio para todos e todas, o desafio de uma certa política, de uma política que tenta retroceder em conquistas. Esse acho que vai ser o maior desafio agora para nós. Manter as conquistas que nós fizemos, e continuar trabalhando nelas. Nessa abertura de vagas, na consideração dessas epistemologias, desses conhecimentos indígenas. Mas tem muita coisa para nós fazermos. Então o desafio é arregaçar as mangas e trabalhar. Conquistar as vagas, conquistar concurso, e manter as conquistas.

L. M. F. C.: O que você trouxe de experiências e aprendizados das etnografias com os Guarani Mbyá em Santa Catarina para a sua vivência na Amazônia e com os indígenas amazônicos, como os Baniwa do Rio Negro?

D. L. O. M.: Cada contexto trabalhado na Antropologia, é um outro mundo que se descortina. Mas claro que nós levamos as experiências acumuladas, sempre num balanço entre as peculiaridades de cada realidade e o que há de comum entre elas. Quando cheguei na UFAM, tinha realizado pesquisa com os Guarani. Os Baniwa do Alto Rio Negro, praticamente me chamaram para trabalhar. Eles sabiam que tinha chegado na UFAM uma antropóloga que trabalhava com música e na época a Professora Luisa Garnelo nos apresentou, André Baniwa e eu. Ele me encaminhou alguns projetos que eles tinham já propostos. E então foi uma experiência diferente nesse sentido porque se até ali eu me via como uma antropóloga formada através da pesquisa, agora eu era uma pesquisadora procurada pelos Baniwa para realizar um projeto. Talvez isso responda a sua pergunta, o que eu levei foi a pesquisadora da Antropologia da Música ou Etnomusicologia. Aprendi muito no Alto Rio Negro, é um outro mundo, outras línguas. Eu tinha estudado Guarani, agora a língua era Baniwa, outro tronco linguístico totalmente diferente. Um é Tupi-Guarani, outro é Arauaque. Tive uma experiência com os os Maxacali, neste interim, que foi muito significativa. Os Maxacali são Macro-Gê. Foi um convite da Rosângela Tugny que estava na UFMG, para ser pesquisadora visitante em 2005. Com o decorrer dessas experiências e também pela leitura dos outros trabalhos e etnografias de outros colegas, sobre outros universos, a gente vai montando um panorama do que são as músicas, as artes indígenas. Então uma coisa vai alimentando a outra, talvez a gente tenha um entendimento um pouco mais aproximado destas realidades, porque esses universos são diferentes, mas estão conectados.

L. M. F. C.: A relação com as artes é presente na sua jornada acadêmica e pessoal. Como você caracteriza a relação entre a Antropologia e as artes e como ensinar essa perspectiva para os alunos em Manaus? Como tem sido suas experiências ao orientar músicos, atores entre outros artistas na Antropologia?

D. L. O. M.: Como você mencionou, sempre estive ligada ao universo das artes, tanto na minha vida pessoal, como na acadêmica. Durante a maior parte da vida toquei um instrumento, cantei em grupos vocais, dancei ou fiz teatro. No período em que morei em Manaus foi que estas atividades ficaram de lado. O projeto de implantação da Pós-graduação me absorveu. Mas para mim é algo vital, e quando nos aproximamos dos povos indígenas descobrimos isso, que esses povos levam as linguagens artísticas muito a sério. E para nós é vital também, mas, as vezes, colocamos como “a hora do lazer” e não reconhecemos que é central na nossa vida, no nosso mundo também. Neste período da pandemia foi interessante que muita gente se deu conta disso, do quanto a arte é vital e do quanto as lives artísticas estão nos ajudando a atravessá-lo. Como foi a experiência em Manaus com os estudantes? Foi gratificante, foi, é, tem sido durante esses anos. Desde que iniciei minha atuação como professora na UFAM, fui procurada por pessoas com bagagem nas áreas artísticas, ou por estudantes das Ciências Sociais com este interesse. Todas as experiências foram muito ricas. Estudantes oriundos da música, do teatro, da linguística, da matemática, de várias outras áreas. Neófitos na antropologia, alguns. Por exemplo, o Agenor vinha da Filosofia, tinha feito Sociedade e Cultura, com sua experiência como músico, mas na Antropologia, todos neófitos. Mas sempre foi tudo muito tranquilo. Tem esse trabalho, não no sentido do trabalho como algo difícil, mas mais no sentido da sedução. As pessoas vem procurar a Antropologia porque querem o que ela tem, mas no início há uma resistência a se deixar levar. O Roberto Cardoso de Oliveira fala da Antropologia como uma lente, a pessoa vem com lentes que ela já desenvolveu na vida, em outras áreas do conhecimento. Então quando ela entra na Antropologia ela tem que, por alguns momentos, pelo menos, durante alguns meses, trocar de lente, ou acrescentar, e isso é uma coisa que demanda um pequeno esforço no início. Para ocorrer esta troca de lente. A pessoa não perde aquela que ela tinha antes, então toda essa bagagem riquíssima dessas áreas, se soma. Mas no início a pessoa tem que ficar um pouco humilde, para se iniciar neste novo campo. Como uma criança aprendendo. Então ocorre uma pequena mudança de perspectiva. Para mim é fascinante observar isso acontecendo, é uma viradinha que dá, assim, e começa um outro olhar. Aí pronto, a pessoa pode pegar aquela bagagem dela e continuar, mas tem um momento que tem uma certa dobra, uma viradinha. A gente fala muito no perspectivismo. É uma questão de perspectiva também, esse olhar da Antropologia, de se render para essa área, para essa metodologia. Mas tem sido riquíssimo porque cada pessoa é um universo e se ela vem de outra área vem com toda uma leitura, uma carga de conhecimentos que é fascinante.

M. A. C. F.: Professora Deise Lucy, na Antropologia da Arte e nos diversos eixos que perpassam essa temática, quais foram e quais são as suas maiores influências?

D. L. O. M.: Pergunta de resposta delicada, porque são muitas as influências, em várias camadas, e certamente irei esquecer de mencionar algumas. Tem uma influência que já mencionei que é o Professor Rafael Menezes Bastos que vem desde a graduação e que percorre até hoje o meu trabalho, principalmente no que se refere a música indígena, mas não só. Fiz com ele, na graduação, no final dos anos 1980, a disciplina Antropologia da Arte. A Professora Lux Vidal que foi a minha orientadora no doutorado, que é uma pioneira também na Antropologia da Arte no Brasil. Els Lagrou, com quem fiz um curso de extensão que foi fascinante, no Museu de Antropologia da UFSC, hoje o Marque. Este foi na época em que eu estava no mestrado, início dos anos 1990. Nós usávamos as tintas e fazíamos as pinturas corporais, pegávamos os livros e copiávamos pinturas. Foi um curso incrível e depois segui acompanhando o trabalho dela, é uma pessoa que me inspira muito. Bom, teriam várias outras. Professor Anthony Seeger. Teriam vários nomes da Antropologia, da Etnologia indígena. Seriam muitos nomes, não vou mencionar porque é um conjunto da obra. Os meus interlocutores indígenas, sem dúvida. E os interlocutores desses pesquisadores que através dos seus trabalhos me inspira-

ram muito e os meus interlocutores que eu tive na minha pesquisa que são os sábios indígenas que passam pelos trabalhos, pelas etnografias. Eu sempre gostei muito de ler etnografia. Essas vozes todas que estão ali, seriam muitos nomes. No caso do meu trabalho foi uma mulher, Odúlia Mendes que me ensinou muita coisa. Teriam muitos outros. Na Etnomusicologia tem a Rosangela Tugny, o Samuel Araújo, a Ana Maria Ochoa, entre outros. E os estudantes, os estudantes em geral, no percurso da graduação, da pós-graduação. Em geral os estudantes, mas especialmente aqueles que trabalham diretamente comigo na orientação, são pessoas com quem eu aprendo e são inspirações também. Então, as influências perpassam vários níveis. Eu acho que para não me esquecer de muitos e muitas, vou ficar por aqui.

L. M. F. C.: Gostaríamos que pontuasse a importância das duas linhas: Antropologia da Arte e Antropologia Política e a importância delas para a reflexão dos trabalhos etnográficos na Amazônia.

D. L. O. M.: São duas linhas, dois temas fundamentais, não só na Amazônia como em qualquer lugar. Eu não saberia dizer a especificidade da importância desses temas na Amazônia, em particular, porque são temas que são fundamentais em qualquer contexto. Deixe-me pensar alguma coisa específica da Amazônia. É geral, a gente está vivendo um momento de garantir conquistas, continuar as conquistas, comuns a outras regiões. O que eu quero comentar sobre esses dois temas é que quando pensamos na Antropologia da Arte, a política já está embutida ali. Não sei se na política a arte vai estar sempre embutida. Pode estar, a arte pode estar perpassando tudo, essas áreas estão ligadas e são fundamentais. Não sei se tem alguma coisa específica assim que eu não captei da pergunta, mas...

L. M. F. C.: Era isso mesmo, eu até pensei que a arte seria importante para contestar a política, é uma forma também delas dialogarem, era bem nesse sentido mesmo.

D. L. O. M.: Foi bom você complementar porque eu acho que a arte é política, então ela pode contestar uma política que não tenha arte, porque a política, no âmago da palavra, no sentido da palavra, ela é arte. A oratória por exemplo, que é uma coisa importante na política é uma arte e isso é muito claro porque a pessoa que desenvolve a arte das boas palavras ela é uma pessoa importante na política. Eu queria dizer que os artistas, muitos deles, quando estão atuando, quando estão no fazer artístico estão num fazer político, estão completamente associados.

A. C. V. N.: Deise Lucy, só complementando então, eu vou quebrar aqui o nosso roteiro, sobre o que você falou, sobre essa questão da Antropologia da Arte e do fazer político, é interessante porque teoricamente falando, há uma ideia um pouco equivocada que a antropologia da arte não faz uma reflexão política e não coloca as coisas em outro estado de percepção, eu penso isso. Teoricamente falando, tem um pouco dessa separação, antropologia política sendo algo mais apropriado, ou muito superior para falar de um determinado tema enquanto nós estamos também pensando e repensando valores, desconstruindo nossos valores. Na Antropologia da Arte, eu acho que o que mais me tocou foi essa desconstrução, que é para você desconstruir os valores que a política te instaurou, é o mais difícil, então, é algo que é altamente político. E os teóricos da Antropologia da Arte são sim profundos o suficiente para abarcar porque eles já estudaram Bourdieu e já leram toda essa questão de poder, nós também fazemos esse esforço. Então eu penso também nisso, que nós temos essas duas linhas, mas nós temos a arte, ainda mais na Amazônia que é um contexto super marginalizado no mundo. A gente pensa a Amazônia como uma grande chave, categoria para negociar projetos e se nós formos pararmos para pensar nós estamos

como a África, marginalizados em relação aos grandes centros. Foi isso, eu divaguei, mas foi isso que eu aprendi, essa foi a minha virada, eu me angustiava bastante com esse negócio de trabalhar com música indígena porque isso não era muito bem aceito pelos musicólogos mais hardts, digamos assim, o meu trabalho, a Deise Lucy falou, “vish, o trabalho é esse, Agenor, vai ser uma militância do início ao fim, não se aperreie porque é esse o trabalho”. E eu fui entendendo. Queria deixar esse comentário.

D. L. O. M.: Então Agenor, eu penso que é bem isso e é uma coisa que os indígenas ensinam muito para nós. Eu acho que esse é um exemplo, qualquer contexto indígena que você for, desde os indígenas do Nordeste, todo aquele complexo do Toré, que alguns grupos guardaram em segredo... Esse “guardar em segredo” foi político. E no caso dos Guarani, também, “guardar em segredo durante muito tempo” foi político. Guardar foi político, como também foi político, mostrar. Isto sem mencionar cosmopolítica do grupo, na qual a música, o canto e a dança, essas linguagens, os desenhos, são linguagens de uma política com os outros seres ou uma política com o Estado brasileiro que é um outro ser também que entra nesse universo, a arte e a política. Os artistas indígenas estão fazendo essa política, como a Rádio Yandê, Djuena Ticuna, Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Daiara Tucano, Celia Xacriaba, Brô Mc’sm entre outros e outras mais. Estes artistas todos, a qualquer momento que você ouve uma fala deles você vê a política ali, muito forte. E extrapolando um pouco da questão indígena, nas outras artes e nos outros contextos também é assim. Com os quilombolas, agora eu estou lendo um trabalho sobre os quilombolas do Mato Grosso, da Sonia Lourenço. As Festas de Santo, do Divino, são todas perpassadas por política, por política de manutenção daquela cultura, de manutenção dos conhecimentos, de relação com o meio ambiente. Tem esse aspecto da política também que é a ecologia, que é também política. E um outro contexto que é importante para nós pensarmos, vou dar um exemplo um pouco distante no tempo, mas não muito. Os músicos da Nova Canção no Chile na época da ditadura, por que eles foram atacados diretamente e mesmo no Brasil também. Toda a repressão aos artistas nas ditaduras, por que eles são tão reprimidos nos regimes ditatoriais? E agora a gente tem vivido um pouco isso, um “pouco bastante” nesse processo que nós estamos vivendo na política nos últimos anos aqui no Brasil. Censurada a exposição Queer, censurado o filme “Mariguella”, mas censurado o filme tal por que? Se isso não é político...

M. A. C. F.: Professora Deise Lucy, vamos para mais uma pergunta. Como você ve esse interesse crescente por pesquisas no campo da Antropologia da Dança, bem como esse diálogo entre música e dança na antropologia?

D. L. O. M.: Como eu vejo? Eu fico impressionada de que apenas recentemente isto tenha acontecido. Eu vejo com alegria, com bons olhos, as pessoas estão se dando conta de algumas coisas. E eu acho que essa divulgação que os próprios povos indígenas têm feito em relação a essas artes tem um papel importante. Eu vejo isto acontecendo nas outras áreas da ciência. Comparando o tempo no qual eu comecei a trabalhar, a pesquisar, se você quisesse saber alguma coisa sobre a questão indígena, na academia, você tinha que buscar na Antropologia. Nas outras áreas você ia encontrar um ou outro pesquisador, na História, no Direito, na Filosofia, eram poucos. Se você estivesse procurando por algum pesquisador trabalhando com questões indígenas no Direito, por exemplo, receberia a seguinte resposta: “No no Paraná tem uma pessoa, em São Paulo tem outra...” E assim por diante. Hoje mudou, há pesquisadores em quase todas as áreas, interessadas, lendo autores indígenas. Eu acho que eu me desviei um pouco da pergunta, porque você perguntou especificamente da dança. Mas o que quero dizer é que esse processo também está acontecendo nas Artes. Acho que faz parte de um mesmo movimento. As pessoas querem outras alternativas ao Eurocentrismo, elas estão criticando o colonialismo. Estão criticando o Eurocentrismo,

criticando esses paradigmas. Bom, se eu estou criticando esses paradigmas, eu vou procurar o que então? Os saberes indígenas, os saberes dos povos afrodiáspóricos. E o que esses povos estão dizendo? Que o corpo, a dança, o canto, são importantes, que não adianta só pensar, só ler, que você tem que vivenciar o teu conhecimento, que você tem que dançar o teu saber. Enfim, que o corpo é importante e que essas linguagens sensíveis são importantes. Eu acho que esses interesses estão associados, em bloco. Está acontecendo uma busca que leva para esses temas, que são a dança, a música, o corpo.

A. C. V. N.: Deise Lucy, vamos mudar um pouquinho, mas claro continuando aqui falando de universidade, de academia, Antropologia, conte-nos um pouco como foi criado o grupo de pesquisa Maracá e um pouco dos estudos que ele desenvolve aqui na Amazônia.

D. L. O. M.: Para responder esta pergunta, vou remontar a quando iniciei minhas atividades na UFAM. Para contemplar o tripé das missões da Universidade que são o ensino, a pesquisa e a extensão, uma das maneiras de implementar isto é através dos grupos de pesquisa. Quando nós chegamos, vocês sabem a história da criação do PPGAS/UFAM? Dez professores e professoras foram nomeados na mesma semana, e iniciamos, juntamente com os professores antropólogos e antropólogas que já estavam, nosso trabalho de escrever o projeto para o Programa. Ao mesmo tempo tínhamos que constituir os grupos de pesquisa, para iniciarmos as orientações de Iniciação Científica, e todos os outros projetos que queríamos propor. No meu caso, o primeiro grupo do qual participei, e participo até hoje, e que foi criado naquele primeiro momento, foi o NEAI que é o Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena. Eu vinha de uma trajetória de participação de cerca de dez anos no MUSA, que é o Núcleo de pesquisa sobre Arte, Sociedade e Cultura da UFSC, e quando comecei a ter estudantes e outros pesquisadores interessados na temática da Antropologia da Arte, considerei que seria interessante criar o Maracá, que é um grupo de pesquisa sobre estas temáticas. Lembro que foi o Ricardo Sá o mestrando da primeira turma do Programa que escreveu sobre mito e música no Alto Rio Negro. Bom, agora eu não sei se eu respondo essa sua pergunta citando nomes dos trabalhos, corro o risco de esquecer alguém, mas o Ricardo, por exemplo é um músico que atua em Manaus que já tinha uma história e uma trajetória de vários anos com produção de CDs, trabalho com os grupos indígenas. Ele, como outros estudantes que tivemos, foi uma pessoa que procurou o Programa, já com uma experiência de atuação. Eu vou falar da Pós, tiveram os PIBICs também, vários PIBICs, que é a Iniciação Científica. Depois teve a Sâmia Fraxe, que fez um trabalho muito bonito sobre a dança com os Waiwai, a Silvana Teixeira, que trabalhou com os Ticuna, sobre a sua cestaria, a Marília Souza que trabalhou com artesanato da Área do Instituto Mamirauá. São apenas alguns trabalhos que me ocorreram agora, seria o ideal mencionar todos. Meu Deus, agora eu tinha que ter uma listinha para não esquecer ninguém. Teve a May Costa, ticuna que pesquisou o ritual da Moça Nova no Alto Solimões, a Socorro Batalha, sobre a dança no Boi-bumbá de Parintins, a Rosseline Tavares, que foi uma que fez Iniciação científica e depois fez o mestrado, com uma pesquisa sobre o artista indígena Buú Kennedy, a Rosilene Waikanã, que pesquisou sobre a infância no seu povo e que atualmente ela faz doutorado na UFSC. A May faz doutorado na Unicamp. Doutores que se formaram no Maracá, menciono a Maria Audirene Cordeiro, que pesquisou os curadores e curadoras em Parintins. Lembro que o conceito de arte com o qual trabalhamos é ampliado. Os curadores, por exemplo, curam benzimentos, que são também linguagens artísticas. A Ligia Soares, que pesquisou a música no Ritual Pec-cahàc-hok dos Ràm-kòkamekra-Canela, do Maranhão.

A. C. V. N.: A Liliane, você falou, Deise?

D. L. O. M.: A Liliane Lizardo, Baré, que fez o mestrado com os curadores Baré de São Gabriel da Cachoeira, Baré. Ela pesquisou as Festas de Santo. O Agenor Vasconcelos que fez seu doutorando pesquisando o

Cuximauara, gênero de música popular indígena e o Luiz Davi Gonçalves, que pesquisou a performance no xamanismo Yanonami, ambos na região de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro. Teve José Reginaldo que trabalhou no mestrado, com os Yanomami, também com xamanismo, Daniele Colares Lins que trabalhou com os Tikuna no PIBIC, e depois com um violinista lá de Parintins. Teve a Klissy Kely que eu co-orientei, que é da UEA, que trabalhou com as mulheres compositoras, ambas no mestrado.

A. C. V. N.: Clarinda, Deise Lucy.

D. L. O. M.: A Clarinda Ramos é uma das que estão finalizando o mestrado. A Clarinda é Sateré Maué e está escrevendo sobre a musicalidade das mulheres Sateré. A Silvana Teixeira está escrevendo sobre o Ticuna, Museu Maguta, o primeiro Museu Indígena do Brasil. O Paulo Roberto de Souza que está iniciando seu doutorado com os Baré, ele está trabalhando sobre a couvade, que é uma prática muito tradicional nos povos indígenas no Brasil, na qual os homens fazem resguardo na gravidez e pós-parto. Em pouquíssimas palavras diria que nos povos indígenas os homens tem regras e procedimentos porque eles estão ligados em substância à criança também. O Leandro Paiva que está no mestrado, pesquisando as lutas lutas do Alto Xingu, *Joetykap*. E nós tivemos projetos de extensão também. Vou mencionar um que foi muito significativo para mim, naqueles primeiros anos de chegada em Manaus. Foi um projeto PACE, um projeto que a UFAM tem que é muito legal, que é um projeto de extensão curricular. Criamos um programa na TV UFAM sobre hip hop. Percorriamos a cidade de Manaus toda, fazíamos os programas com as batalhas de rap, com as mulheres do grafite, foram vários, foram dois semestres, envolvendo estudantes de várias áreas, do jornalismo, ciências sociais, da história. Posso dizer que conheci minimamente Manaus com aquele projeto.

A. C. V. N.: Qual é Deise Lucy, sua percepção sobre a situação de artistas e agentes culturais da Amazônia frente a pandemia do Covid-19? Assim, para refletir um pouco sobre o que nós estamos passando agora.

D. L. O. M.: Este é um tema sobre o qual tenho pensado e comentado com colegas, amigas e amigos quase todos os dias. Tem a questão dos povos indígenas que foram e estão sendo muito afetados pela pandemia, pelo descaso dos órgãos e pela má gestão da saúde e tudo que decorre disto. Este é um aspecto terrível da pandemia, o de acentuar as desigualdades e problemas pré-existentes. Mas essa pergunta que você me faz sobre os artistas é algo que eu ainda tenho dificuldade de acreditar que está acontecendo. Em vários momentos, eu ainda penso: “meu Deus isso está acontecendo?” Porque eu acho que é a área mais afetada, o teatro, os músicos que fazem shows, são as últimas atividades que vão voltar a acontecer. Aulas, muitas, nós fazemos de via remota, mas essas atividades artísticas que envolvem o contato, o público, são as últimas da lista. Os artistas estão sendo muito criativos e estão trabalhando virtualmente, estabelecendo ligações com o público por esta via, na dança, no teatro, na música. Algumas iniciativas estão sendo tomadas, por exemplo, através da Lei Aldir Blanc, ou de projetos como os do SESC SP que durante meses produziu e tem produzido atividades artísticas remotas diárias. São medidas paliativas, são caminhos que estão se abrindo, as lives. O Agenor mesmo fez uma série de lives musicais aos sábados, na hora do almoço, acompanhei algumas. As pessoas estão buscando um jeito de fazer as coisas via remota, mas eu não sei como isto pode ser gerenciado a ponto de prover o sustento do setor e de todos os profissionais que nele atuam. É uma transformação muito grande. É uma crise. Eu devolveria a pergunta, você que é um artista, como é que vocês estão gerenciando isso? Pensando em caminhos, em alternativas. Eu acho que é uma mudança muito grande, prescindir ou abrir mão desse contato, dessa troca energética com o público. É uma coisa muito complicada. Eu sei que Manaus já voltou a

ter apresentações em pequenos lugares, mas, grandes shows, ou as manifestação tão importantes como Carnaval, Boi-bumba, Cirio, eu acho que tão cedo nós não vamos ter.

A. C. V. N.: É verdade, alterou tudo e nós estamos à mercê de um novo caminho que nós realmente não sabemos, é uma encruzilha, estamos abrindo caminho na mata fechada.

M. A. C. F.: Nesse momento atual, professora Deise Lucy, o que você diria para quem está iniciando nesse campo de pesquisa da antropologia em relação com a arte, com a música, com a dança? O que você diria para essas pessoas que estão iniciando?

D. L. O. M.: O que eu diria? Talvez eu vá repetir alguma coisa que eu mencionei, mas eu diria assim: “Vamos embora?” “Bora?” Não embora é bora. (Risos). Não é embora, embora é outra coisa. É bora. Bora fazer. E isso que eu acho que eu vou repetir um pouco. “Bora fazer com”. Vamos fazer com. Eu vou aproveitar e mencionar agora algo que esqueci quando vocês me perguntaram sobre as minhas influências. Tenho um colega, professor da Etnomusicologia da UFRJ, que é uma inspiração para mim e para o que ainda quero realizar. O professor Samuel Araújo que desenvolve um projeto muito bacana na Maré, no Rio de Janeiro. Eles têm um trabalho lá, que acho que já tem cerca de 15 anos, inspirado em Paulo Freire e outros autores latino-americanos. Musicultura é o nome do projeto, e nele, tudo é discutido e vem dos interlocutores, os temas a serem pesquisados, tudo. Os jovens da Maré envolvidos no projeto já ganharam muitos prêmios e muitos deles ficaram motivados para entrarem na universidade, o que antes era impensável da parte deles. Publicam nas revistas internacionais e vão nos congressos e arrasam. Então o que eu falaria para quem está começando é que esse é um caminho muito legal que é pura política. É arte e política junto. E tudo decidido pelos interlocutores, pelas pessoas da comunidade. Tudo. O pesquisador é uma pessoa que está ali fazendo uma parte das interlocuções acadêmicas, ajudando a abrir caminho, a sistematizar, em alguns casos. Eu acho que está tudo aí, sabe? O conhecimento está aí e nós temos que abrir para que conhecimento possa fluir mais. Fluir mais para a sociedade. Enfim, nosso papel na universidade é abrir as portas dela para entrar e para sair. E eu acho que tem muita coisa para trabalhar, para todos os lados que nós olhamos... A Amazônia. A Amazônia é um mundo. Tem trabalho para muita gente, para muita, muita gente.

Recebido em 30/10/2020

Aceito em 29/12 /2020